



## A “EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA” NO RIO DE JANEIRO EM 1902 E SUA RECEPÇÃO

Arthur Valle\*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Universidade Nova de Lisboa – UNL

[artus.agv.av@gmail.com](mailto:artus.agv.av@gmail.com)

**RESUMO:** Em 17 de julho de 1902, foi inaugurada, no Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro, a “Exposição de Arte Portuguesa”, organizada pelo representante de artistas lusitanos Guilherme da Rosa. Foi nessa mostra que a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA) adquiriu o conjunto de quadros que veio a constituir o núcleo da sua coleção de pintura portuguesa oitavo-novecentista, possivelmente a mais significativa existente no Brasil. O presente texto visa apresentar a exposição de 1902, relacionando-a ao contexto mais amplo de intensificação das trocas comerciais e culturais entre Portugal e Brasil, verificável com o advento do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exposições de Arte – Coleções de Arte – Arte Portuguesa no Brasil

## THE “EXHIBITION OF PORTUGUESE ART” IN RIO DE JANEIRO IN 1902 AND ITS RECEPTION

**ABSTRACT:** On July 17, 1902, the “Portuguese Art Exhibition” was inaugurated at the School of Arts and Crafts of Rio de Janeiro by Guilherme da Rosa, a representative of Portuguese artists. It was on this exhibition that the National School of Fine Arts of Rio de Janeiro purchased a group of paintings that came to constitute the core of its collection of Portuguese art, possibly the most significant in Brazil. This article aims to present this exhibition, relating it to the broader context of commercial and cultural exchanges between Portugal and Brazil in the begin of the 20<sup>th</sup> century.

**KEYWORDS:** Art Exhibitions – Art Collections – Portuguese Art in Brazil

Em 17 de julho de 1902, nas dependências do Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro, foi inaugurada a “Exposição de Arte Portuguesa,” organizada pelo representante de artistas lusitanos Guilherme da Rosa. Essa mostra contava com mais de uma centena de obras, entre pinturas, peças de arte aplicada e projetos arquitetônicos, e

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DArtes/UFRRJ). A elaboração do presente trabalho contou com apoio do Programa de Pesquisa Pós-Doutoral no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

obteve um grande sucesso de público e de vendas. Dela participaram alguns dos mais consagrados artistas portugueses da época, como José Malhoa, Columbano e Raphael Bordallo Pinheiro, João Vaz e José Velloso Salgado, bem como artistas então ainda considerados “novos”, como Adriano de Souza Lopes.

O objetivo do presente texto é apresentar essa exposição, quase esquecida pela historiografia de arte luso-brasileira, e discutir a sua importância no contexto mais amplo de intensificação das trocas comerciais e culturais entre Portugal e Brasil, verificável com o advento do século XX. Nesse último sentido, cumpre destacar um dado importante: foi na “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902 que a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA) adquiriu o importante conjunto de quadros que veio a constituir o núcleo da sua coleção de pintura portuguesa oitocentista, possivelmente a mais significativa hoje existente no Brasil.<sup>1</sup> Boa parte do presente texto será dedicada, portanto, à discussão do perfil das aquisições feitas pela Escola. Como veremos, estas tinham relações estreitas com a política expositiva de agremiações artísticas portuguesas da época, como a Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa (SNBA), o que torna o estudo da mostra aqui em questão um excelente meio para aprofundar o entendimento dos intercâmbios estabelecidos entre Portugal e Brasil, na passagem do século XIX para o XX.

## **O BRASIL COMO MERCADO PARA AS ARTES PORTUGUESAS: ALGUNS ANTECEDENTES**

Até onde nos é possível verificar, a “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902 possuía, no momento de sua realização, poucos antecedentes no Rio de Janeiro. Provavelmente, o mais importante era a “Exposição Portuguesa” promovida em 1879 pela Companhia Fomentadora das Indústrias e Agricultura de Portugal e suas Colônias, que contou com o decisivo impulso de agentes como Marcelino Ribeiro Barbosa e

---

<sup>1</sup> A coleção de arte portuguesa da ENBA foi transferida em 1937 para o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A seu respeito, ver: **PINTURA PORTUGUESA: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes**. 2. ed. (Revisada e aumentada). Apresentação de Alcidio Mafra de Souza. Rio de Janeiro: [s.n.], 1990; PATERNOSTRO, Zuzana. A pintura portuguesa no Museu Nacional de Belas Artes: O Início da Coleção. In: SILVA, Raquel Henriques da; et al. **O Grupo do Leão e o Naturalismo português**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996. p.23-25. VALLE, Arthur. Considerações sobre o Acervo de Pintura Portuguesa da Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes (Catálogo de exposição). **19&20**, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses\\_enba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses_enba.htm)>. Acesso em 1 mar. 2014.

Luciano Cordeiro.<sup>2</sup> Através dessa mostra, que foi instalada no edifício da Tipografia Nacional, à Rua da Guarda Velha, centro do Rio de Janeiro, Portugal procurava novos mercados para seus produtos agrícolas e sua produção de artes e ofícios. A exposição de 1879 era muito diversificada, sendo composta por peças de ourivesaria, cerâmica artística, vidros, mobiliário, tapeçaria, gravura e fotografia. As “belas-artes” do desenho, pintura e escultura também estavam representadas, com trabalhos de artistas como Francisco Metrass, Tomás da Anunciação, Alfredo Keil, Victor Bastos e José Simões de Almeida, entre vários outros. A mostra, contou, inclusive, com a participação de alguns pintores que voltariam a figurar na “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902, como Columbano e José Malhoa.

Segundo Maria João Neto, a “Exposição Portuguesa” de 1879 obteve considerável sucesso de público, com quase 50 mil visitantes nos cerca de 100 dias que esteve aberta, mas não teria conseguido um êxito equivalente em termos de vendas.<sup>3</sup> Para isso contribuiu a pouca receptividade ao evento por parte da colônia portuguesa no Rio: “Ressabiados com a comissão organizadora, em particular com Marcelino Ribeiro Barbosa, a colônia portuguesa via a iniciativa como uma ameaça aos seus interesses comerciais e económicos”.<sup>4</sup> Esse relativo fracasso aparentemente teria contribuído para que nenhuma iniciativa de semelhante envergadura se realizasse no Brasil durante a quase totalidade dos anos 1880 e 1890. As ideias de intercâmbio comercial e artístico que estavam no centro da agenda da mostra de 1879 parecem não ter tido, portanto, uma imediata continuidade.

Essa situação era um tanto diversa em meados dos anos 1890. Nesse sentido, uma figura que vale a pena destacar aqui é a do escritor e jornalista português Mariano Pina: dinâmico e cosmopolita, Pina era bem conhecido nos círculos intelectuais luso-brasileiros desde os anos 1880, quando atuou como correspondente em Paris da **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro e dirigiu o periódico **A Ilustração**, cuja redação, também instalada em Paris, foi ponto de convergência para diversos artistas portugueses e

---

<sup>2</sup> NETO, Maria João. A Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro em 1879: ecos de um diálogo entre arte e indústria. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel. (Orgs.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2013. p.357-370. Tomo III.

<sup>3</sup> Ibid., p.369.

<sup>4</sup> Ibid., p.365.

brasileiros.<sup>5</sup> Em 1895, Pina realizou uma viagem ao Brasil, da qual um dos resultados foi a publicação, em 1896, de um livro intitulado **Portugal e Brasil**.<sup>6</sup> Fazendo seu conhecido mote de Alexandre Herculano – “A nossa melhor colônia é o Brasil, depois que deixou de ser colônia nossa”<sup>7</sup> – ele defendia a intensificação das relações comerciais luso-brasileiras, apontando simultaneamente o estado precário em que estas se encontravam e as vantagens que Portugal poderia obter com o seu desenvolvimento.

Um tópico que preocupava Pina era às contrafações de produtos da indústria artística portuguesa que circulavam impunemente no Brasil: em **Brasil-Portugal** ele cita, por exemplo, as falsificações de faianças da Fábrica das Devesas, instalada em Vila Nova de Gaia, que Pina imputava a indústrias alemãs.<sup>8</sup> Em 28 de Novembro de 1895, quando deixava o Rio de Janeiro de volta para Portugal, ele redigiu, já em alto-mar, uma carta destinada a Raphael Bordallo Pinheiro, na qual comentava o problema.<sup>9</sup> Contava que visitara, no Rio, uma exposição de “produtos portugueses” que tinha por chamariz os artigos da Fábrica de Caldas da Rainha, da qual Raphael Bordallo era diretor artístico desde 1884: estes, embora portassem a marca da fábrica, para Pina mais pareciam ser imitações ou contrafações de baixa qualidade. Ele concluía falando sobre quão valioso seria explorar diretamente as oportunidades do mercado brasileiro para a produção da Fábrica de Caldas, destacando o potencial comercial da cidade de São Paulo. Provavelmente, as indicações de Pina foram ouvidas por Raphael que, em meados de 1899, realizou, no centro do Rio de Janeiro, uma grande exposição de suas faianças artísticas, justamente “com o objetivo de estabelecer contatos e criar novos mercados”<sup>10</sup> para a produção de sua fábrica, que, durante os anos 1890, passava por uma crise

---

<sup>5</sup> A respeito da atuação de Mariano Pina, ver: MINÉ, Elza. Mariano Pina, a Gazeta de Notícias e A Ilustração: histórias de bastidores contadas por seu espólio. **Revista da Biblioteca Nacional**, Lisboa, v.7, p. 23-61, 1992.

<sup>6</sup> PINA, Mariano. **Portugal e Brasil**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1896.

<sup>7</sup> Ibid., p. 93. Essa e todas as outras citações de época se tiveram a sua grafia atualizada.

<sup>8</sup> Ibid., p. 99-105.

<sup>9</sup> Carta de Mariano Pina a Raphael Bordalo Pinheiro, 28 de novembro de 1895. Lisboa, Museu Raphael Bordallo Pinheiro, Espólio Documental 1101. Essa carta foi discutida em: LEANDRO, Sandra. 19 tragédias, 20 comédias na Arte Portuguesa do Século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel. (Orgs.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2013, p.473-474. Tomo III.

<sup>10</sup> RAMOS E HORTA, Cristina. Fábrica: a história da empresa desde 1884 até à actualidade. In: CALADO, Rafael Salinas; FERNANDES, Isabel; HORTA, Cristina; REBELO, Elsa. **A Fábrica das Faianças das Caldas da Rainha – De Bordalo Pinheiro à actualidade: sua história**. Porto: Livraria Civilização, 2008, p. 60.

financeira. Ainda que a recepção comercial da mostra de Raphael não tenha sido um sucesso absoluto, a ótima repercussão crítica que obteve poderá tê-la tornado um precedente importante para a “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902.

Com efeito, Guilherme da Rosa partilhava da visão positiva de Mariano Pina a respeito do potencial do mercado brasileiro com relação às belas artes e à indústria artística portuguesas. Rosa também parecia conhecer de perto o Brasil, o que se pode deduzir de uma entrevista que concedeu ao retornar para Lisboa, depois da terminada a mostra no Rio:

A minha estada no Brasil por várias vezes trouxe-me a certeza de que uma exposição de pintura e d’arte aplicadas daria ali um ótimo resultado. O Brasil é um esplêndido país, e qualquer iniciativa artística é acolhida de braços abertos, Não julgue isso um exagero de viajante agradecido; não, apenas a verdade, íntegra e formal.<sup>11</sup>

Desse modo, a concepção da “Exposição de Arte Portuguesa”, que teria como pano de fundo experiências como a “Exposição Portuguesa”, de 1879 ou a mostra de faianças de Bordallo Pinheiro, em 1899, parecia se basear em uma crença disseminada entre intelectuais portugueses do período de que o Brasil era um mercado com grande potencial para os produtos lusitanos – faltava, porém, saber explorá-lo. A seguir, procurarei apresentar a forma como a mostra de 1902 efetivamente se concretizou e os principais resultados que ela obteve, em termos de venda.

## A EXPOSIÇÃO

Guilherme da Rosa fez inaugurar a “Exposição de Arte Portuguesa” no dia 17 de julho de 1902, uma quinta-feira, nas dependências do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, localizada à antiga Rua da Guarda Velha n. 3, em edifício vizinho ao que abrigou a mostra de “Arte Portuguesa” de 1879. Desde alguns dias antes, a exposição vinha sendo anunciada em periódicos cariocas. Uma nota publicada no **Jornal do Brasil** de 15 de julho nos informa, inclusive, que o dia para a inauguração havia sido combinado por Guilherme da Rosa diretamente com o então Presidente da República Manuel Ferraz de Campos Salles.<sup>12</sup> A cerimônia de inauguração começou

---

<sup>11</sup> A EXPOSIÇÃO d’arte portuguesa no Brasil. **O Dia**, Lisboa, 20 set. 1902, p. 2. Essa entrevista foi discutida em: Cf.: LBG. **1902** – O senhor Rosa chegou do Brasil! ... e fartou-se de vender quadros..., 26 ago. 2009. Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso 1 mar. 2014.

<sup>12</sup> EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1902, p. 1.

justamente com a chegada do Presidente brasileiro, que demorou-se por cerca de uma hora na mostra, tecendo considerações e elogiando o modo como “[...] os artistas portugueses reproduz[iam] com amor e com gosto cenas e tipos do seu tempo e do seu país, preenchendo assim nobremente o papel que lhes cabe de conservadores das tradições e dos costumes pátrios”.<sup>13</sup>

A presença do Chefe de Estado brasileiro se revestia de grande importância simbólica e parecia encarnar as elevadas ambições da organização da mostra com relação ao estabelecimento de vínculos duradouros entre Portugal e Brasil. O texto do convite para a exposição já anunciava o anseio de criar uma exposição marcada pelo “[...] cunho de perfeita solidariedade e fraternal simpatia que caracteriza as relações de tradicional amizade e recíprocos interesses entre os dois países”.<sup>14</sup> Um objeto especial foi, inclusive, confeccionado para simbolizar a concretização dessas relações: um álbum de assinaturas para os visitantes, cuja “[...] primeira assinatura [foi] a do Sr. presidente da República. O álbum [era] ilustrado por Julião Machado, que espontaneamente tomou a si essa incumbência”.<sup>15</sup>

A inauguração da exposição foi franqueada a importantes autoridades e a um público composto de “muitas e distintas famílias da nossa elite; [d]os artistas mais notáveis da Escola de Belas Artes, homens de letras e jornalistas entre os mais conhecidos, [...] amadores e entendidos de arte”.<sup>16</sup> Entre os artistas, estavam os irmãos Rodolpho e Henrique Bernardelli, que “no centro do salão [...], com a sua inalterável bonomia e o seu grande amor pelas coisas portuguesas, [eram] alvo de um verdadeiro enxame de perguntas”.<sup>17</sup> Rodolpho Bernardelli era então diretor e professor de escultura da Escola Nacional de Belas Artes do Rio, e, como veremos mais abaixo, desempenhou um papel fundamental na aquisições que essa instituição fez na “Exposição de Arte Portuguesa”.

Todavia, em meio aos presentes na cerimônia de inauguração, quem realmente se destacava era Guilherme da Rosa: sua “[...] ampla e jocunda face [...], irradiando prazer, inclinava-se para a direita, para a esquerda; em volta, distribuindo sorrisos,

---

<sup>13</sup> ARTE Portuguesa. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>14</sup> BONHOMME, Jacques. Crônica. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 13 jul. 1902, p. 1.

<sup>15</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1902, p. 1.

<sup>16</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>17</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

explicações, esclarecimentos”.<sup>18</sup> Em uma caricatura de Julião Machado, publicada no **Jornal do Brasil** de 20 de julho, podemos mesmo intuir como seria sua fisionomia e postura corporal (Fig. 1):<sup>19</sup> ligeiramente inclinado para a frente, em atitude obsequiosa, Rosa exhibe uma espécie de palheta de pintor, no centro da qual se pode ver um brasão encimado por uma coroa e a inscrição “Exposição de Arte Portuguesa”. Esses elementos são circundados por 8 “joias”, nas quais se pode ler os nomes de alguns dos principais artistas expositores.



**Figura 1** – Guilherme da Rosa em caricatura de Julião Machado

Uma foto publicada na **Revista da Semana** de 3 de agosto permite que tenhamos uma ideia de como era a instalação da exposição no salão principal do Liceu de Artes e Ofícios (Fig.2).<sup>20</sup> Na parede de fundo, ao centro, pode-se discernir a grande tela de Souza Lopes ... **engano d'alma ledo e cego**, cercada por outras pinturas emolduradas. Nas paredes laterais, as pinturas sobrepõem-se umas às outras, em colunas

<sup>18</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>19</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1902, p. 1.

<sup>20</sup> A EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 116, 8 ago. 1902, p. 252. Um desenho feito a partir dessa foto foi publicado em: EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa no Rio de Janeiro. **O Século**, Lisboa, 21 ago. 1902, p. 1.

de pelo menos duas obras, estando as mais altas inclinadas para frente, a fim de possibilitar uma melhor visualização por parte dos espectadores que ficariam abaixo; além disso, podemos ver uma vitrine no centro do recinto. Segundo a **Gazeta de Petrópolis**, a ornamentação do grande salão teria ficado a cargo da Casa Doux.<sup>21</sup> No **Jornal do Brasil**, por sua vez, o periodístico anônimo ponderou que “[...] a sala tinha um aspecto requintadamente artístico na sua luz direta”<sup>22</sup> e Artur de Azevedo, escrevendo para **O Paiz**, também expressou uma opinião positiva com relação à instalação da mostra: “[...] o salão, muito espaçoso, não foi mal arranjado e os quadros estão bem dispostos, embora alguns fossem um tanto sacrificados”.<sup>23</sup> As poucas críticas eram imputadas às condições improvisadas do espaço expositivo e de sua iluminação, o que levou a que “[...] algumas [telas] não fica[ssem] expostas em luz muito favorável”.<sup>24</sup>



**Figura 2** – Aspecto da instalação da “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902, no salão principal do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro

A “Exposição de Arte Portuguesa” ficou aberta ao menos até o dia 4 de agosto. A entrada custava 2\$000 reis, o que parece ter contribuído para que sua visitação fosse irregular. Alguns dias após a inauguração, o comentarista do **Jornal do Brasil**, após

<sup>21</sup> **GAZETA DE PETRÓPOLIS**, Petrópolis, 17 jul. 1902, p. 2.

<sup>22</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>23</sup> AZEVEDO, Artur. Arte Portuguesa. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, p. 1.

<sup>24</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.



noticiar o auspicioso volume de vendas que já então se registrava, lamentou que “[...] as entradas na exposição não correspond[ia]m às aquisições feitas,” e lançou um apelo: “Um certame dessa ordem é digno de ser visto por compradores e não compradores, pelos pobres e pelos ricos. Dois mil réis é quantia a que ninguém arruína e muito infinitamente inferior ao patriotismo do mais modesto membro da colônia portuguesa e às simpatias dos brasileiros do país irmão”.<sup>25</sup> O apelo parece ter surtido efeito, pois alguns dias depois o **Jornal do Brasil** anunciava um aumento no número de visitantes.<sup>26</sup> Segundo o periódico, a visitação se manteve significativa nos dias finais da exposição e pode ter, inclusive, aumentado quando, próximo ao seu encerramento, o valor da entrada foi reduzido para a metade.<sup>27</sup>

Embora fosse menos eclética do que a “Exposição Portuguesa” de 1879, a mostra de 1902 também contava com obras de uma grande diversidade de categorias. No dia seguinte à inauguração, Adolpho Morales de los Rios, arquiteto de origem espanhola e professor do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, iniciou a sua resenha no **Correio da Manhã** frisando justamente essa característica:



A exposição de artistas portugueses não é uma exposição de Belas Artes, no sentido restrito desta palavra, visto como ao lado de trabalhos de pintura, de escultura, e de arquitetura figuram outros de artes aplicadas consoante às atuais tendências artísticas que estão invadindo, dia a dia, todas as indústrias, com grande vantagem para o gosto e educação de todas as classes.<sup>28</sup>

A seção de pintura foi a mais destacada pela imprensa carioca. A análise do conjunto de notícias então publicadas nos informa que ela contava com a participação de um grande contingente de pintores, sendo nominalmente citados não menos do que 26.<sup>29</sup> A **Revista da Semana** publicou diversos registros iconográficos relativos à essa seção – inclusive bem depois da exposição ter se encerrado –, que são valiosos

<sup>25</sup> EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1902, p. 1.

<sup>26</sup> EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1902, p. 1.

<sup>27</sup> ARTE portuguesa. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 4 ago. 1902, p. 1.

<sup>28</sup> RIOS, Adolpho Morales de los. Arte Portuguesa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>29</sup> São citados: A. Ferreira Quaresma, A. Roque Gameiro, A. de Souza Lopes, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, J. Christino da Silva, David Estrela de Mello, Enrique Câmara, Ernesto Condeixa, F. Martins Nara, Ferreira da Costa, João Galhardo, Henrique Casanova, João Vaz, José Malhoa, Joaquim Luiz Cardoso, Joaquim Porfirio, Jorge Colaço, José Ribeiro Junior, J. Velloso Salgado, Luciano Freire, Manoel Henrique Pinto, Maria Augusta Bordallo Pinheiro, Pedro Guedes, Teixeira Bastos, T. Mello Junior.

especialmente quando reproduzem obras pouco conhecidas ou cujo paradeiro se perdeu com o tempo. Desse modo, na edição de 3 de agosto, a mesma que trazia a vista da instalação mostrada na Fig. 2, a revista reproduziu **A corar a roupa** e **As Cebolas de Malhoa** e **Ali é que está a tua mãe** de João Galhardo;<sup>30</sup> em 10 de agosto, **... engano d'alma ledo e cego** de Souza Lopes e **Rosas** de Maria Augusta Bordallo Pinheiro;<sup>31</sup> em 31 de agosto, **Os amores do moleiro** de Carlos Reis, **A sesta** de Malhoa e **Costume da Ilha da Madeira** de Roque Gameiro;<sup>32</sup> em 21 de setembro, foram reproduzidos os retratos de Ramalho Ortigão e de sua esposa feitos por Velloso Salgado e **Mendigos** de Julio Teixeira Bastos;<sup>33</sup> por fim, em 5 de outubro, **Um heroi Boer** de Souza Lopes, e **Barbeiro na aldeia** de Malhoa.<sup>34</sup>

Entre as peças da seção de artes aplicadas, aquelas produzidas pela família Bordallo Pinheiro foram as mais comentadas e apreciadas pelo público e pela crítica. O principal destaque foi para as faianças de Raphael Bordallo, cuja referida mostra no Rio em 1899 várias vezes foi recordada quando os comentaristas se detiveram sobre os novos envios do português. Este, “[...] entre os seus antigos modelos, que tanto agradaram quando o grande artista esteve no Rio, apresenta[va] novos trabalhos, de aprimorado gosto e de uma execução delicadíssima”.<sup>35</sup> Uma fotografia do busto de Eça de Queiroz exibido por Raphael foi estampada na edição de 17 de agosto da **Revista da Semana**,<sup>36</sup> que também reproduziu outras de suas faianças decorativas. Os trabalhos em renda de Maria Augusta Bordallo, em “[...] diferentes estilos e feitios ou processos de execução”,<sup>37</sup> também mereceram elogios unânimes da imprensa carioca; a **Revista da Semana** reproduziu algumas de suas obras, como um peitilho e um lenço de bretonha com guarnição de renda inglesa.

---

<sup>30</sup> A EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 116, 8 ago. 1902, p. 252.

<sup>31</sup> **REVISTA DA SEMANA**, Rio de Janeiro, n. 117, 10 ago. 1902, p. 261.

<sup>32</sup> A EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 120, 31 ago. 1902, p. 282.

<sup>33</sup> A EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 123, 21 set. 1902, p. 306.

<sup>34</sup> A RECENTE exposição de arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 125, 5 out. 1902, p. 322.

<sup>35</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1902, p. 1.

<sup>36</sup> EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n.118, 17 ago. 1902, p. 268.

<sup>37</sup> RIOS, Adolpho Morales de los. Arte Portuguesa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

Peças em cinzelamento de prata lavrada e prata dourada constituíam outro vasto contingente dentro da exposição. O redator da “Crônica” da **Gazeta de Notícias** precisava, por exemplo que estavam em exposição nada menos do que de 31 peças de G. B. Cristofanetti, “[...] botões, alamares, molduras, castões de bengala, pentes, broches, fivelas, bandejas – há de tudo naquela vitrine que nos vem revelar um grande artista cinzelador”.<sup>38</sup> Morales de los Rios também chamou atenção para essa seção, destacando, além dos trabalhos de Cristofanetti, “[...] inspirados em velhos modelos portugueses”,<sup>39</sup> uma obra de Emilio de Souza Carvalho, “[...] um cartão de prata cinzelada [...], representando um polvo sobre um ramo de coral, sustentado por golfinhos”.<sup>40</sup> Fotografias de algumas dessas peças foram também reproduzidas na edição de 17 de agosto da **Revista da Semana**.<sup>41</sup>

Havia, ainda, uma seção dedicada a projetos de arquitetura. Morales de los Rios foi o que mais longamente se pronunciou sobre essa parte da mostra, modesta em termos quantitativos, cujos expositores lhe pareciam “[...] excelentes discípulos, de não menos excelentes professores, mas ainda sem essa largueza de composição e de execução que revelam os arquitetos formados”.<sup>42</sup> O mais interessante era o conselho que Morales de los Rios, com a sua autoridade de bem sucedido arquiteto profissional, pretendia dar aos colegas portugueses, após constatar o que julgava ser uma influência sobre eles exercida pela arquitetura francesa:

Os arquitetos portugueses deveriam, à imitação de seus colegas espanhóis, independizar-se [sic] de estilos exóticos aproveitando fazenda da terra, permitam-me a expressão, e modernizando belíssimos estilos arquitetônicos, joias imperecíveis dos seus antepassados nessa arte difícil e pouco compreendida do vulgo.<sup>43</sup>

Essa preocupação com o caráter português das obras exibidas é notável e foi recorrente nas críticas publicadas no Rio com relação à exposição de 1902. Com efeito, começando com o acima citado elogio do Presidente Campo Salles, as obras da mostra

<sup>38</sup> CRÔNICA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1902, p. 1.

<sup>39</sup> RIOS, Adolpho Morales de los. Arte Portuguesa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 118, 17 ago. 1902, p. 268.

<sup>42</sup> RIOS, Adolpho Morales de los. Arte Portuguesa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1. Morales de los Rios cita nominalmente os seguintes expositores: Leonel Gaia, J. Alexandre Soares, Francisco Carlos Parente, Alvaro Machado, Antonio Couto e Francisco Soares Parente.

<sup>43</sup> RIOS, Adolpho Morales de los. Arte Portuguesa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

foram muitas vezes avaliadas – positiva ou negativamente – em função da medida em que manifestavam um supostamente autêntico “portuguesismo”. Em consonância com essa expectativa, a maioria das obras da mostra investia, em termos de tema e/ou de técnica, nas noções de identidade portuguesa, explorando o saudosismo dos membros da colônia lusitana instalada no Brasil a fim de potencializar o seu sucesso comercial. Essa estratégia foi bem sucedida, como se pode comprovar pela análise do montante de vendas verificado na exposição.

## AS VENDAS

A mostra de 1902 obteve resultados bastante positivos em termos de vendas. A análise do conjunto de notícias publicadas nos jornais cariocas da época nos permite precisar várias das peças que foram vendidas e quem foram os seus compradores – embora, por vezes, as informações a esse último respeito sejam contraditórias. O maior número de vendas se verificou logo no dia de inauguração, fazendo eco ao entusiasmo pelo evento. **O Jornal do Brasil** informou que o montante de vendas registrado no dia 17 de julho havia alcançado a cifra de 25:000\$000 (25 contos de réis) e enumerou as seguintes aquisições:

O conselheiro Lampreia [...] adquiri[u] para mme. Campos Salles um formosíssimo lenço da coleção Maria Augusta Bordallo: barra em renda de largos florões manuelino. Um encanto!

[...]

Morales de los Rios adquir[iu] alguns objetos lindíssimos de Raphael Bordallo; o visconde de Villela o **Barbeiro na aldeia** de Columbano [sic]; **A Madrugada na Portela**, de David Estrela de Mello; a **Merenda no Senhor da Serra**, de João Carlos Galhardo e as **Cebolas** de Malhoa.

[...]

Damos uma volta pelo salão. Já a essa hora estão vendidos todos os quadros de Columbano; **Margens do Vizela**, de Luciano Freire; **A sesta**, de Malhoa; **Crisântemos**, de Condeixa; **Na Guia** e **Na Ericeira**, de Henrique Casanova; dois bustos de Eça de Queiroz, adquiridos pelo conselheiro Lampreia e Dr. Cunha e Costa, e muitas faianças de Bordallo Pinheiro. Entre os adquirentes estão o sr. visconde de Avellar e Baptista Coelho.<sup>44</sup>

A **Gazeta de Notícias** também publicou uma nota sobre as vendas no dia da inauguração:<sup>45</sup> além de confirmar a aquisição de quatro quadros pelo Visconde de

<sup>44</sup> EXPOSIÇÃO de arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

<sup>45</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p. 1.

Villela, o periodicista anônimo nos informava que **Na guia** de H. Casanova havia sido comprada pelo Conde de Avellar; que **Margens do Vizela** de L. Freire fora adquirida pela Sra D. Emilia Braga da Costa Pereira; e que as faianças compradas por Morales de los Rios figuravam “burros”. Além disso, essa nota da **Gazeta** listava uma série de outras aquisições: d’**A rapariga** de Columbano pelo Sr. Dr. Rego Barros; d’**A saída do rebanho** de M. Henrique Pinto pelo Sr. H. Chaves; de “minúsculos *bibelots*” adquiridos por Carlos Américo dos Santos; de duas faianças de Raphael Bordallo pela Mme. Borges Barreto; e de dois lenços de renda de João do Anjos pelo Ministro de Portugal, “para oferecer a Exma. Esposa do Dr. Campos Salle”.<sup>46</sup> A **Gazeta** registrou, ainda, uma última aquisição muito significativa:

A animação dos amadores não para por aí, porque um grupo deles, constituído em comissão, por conta de uma grande instituição, comprou os quadros de Columbano, marcados com os ns. 4, 5, 6 e 8; o de n. 2. **Azinhaga em Benfica**, de João [sic] Velloso Salgado; os de ns. 17, **Os amores do moleiro**, de Carlos Reis; 23, **A sesta**, de José Malhoa; 29, **Um homem do mar**, de Ernesto Condeixa.<sup>47</sup>

A “grande instituição”, não-nomeada pelo periodicista da **Gazeta**, era, como veremos com mais detalhadamente abaixo, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Cerca de uma semana após a inauguração da “Exposição de Arte Portuguesa”, vendas continuavam a ser noticiadas, especialmente pelo **Jornal do Brasil**, que, por exemplo, informou: “Ontem [23 de julho] foram vendidos três quadros de ns. 34, 70 e 81; uma colcha de seda e renda inglesa ao sr. Carvalho Portugal; dois objetos de prata cinzelada ao sr. Raphael Couto, e dois objetos de faiança, de Bordallo Pinheiro, sendo um ao sr. Valentim Magalhães”.<sup>48</sup> No dia 25, outras vendas se efetuaram: “[...] o sr. Visconde de Villaça, que tão gentil se tem mostrado com os artistas portugueses, adquiriu mais o quadro de Joaquim Luiz Cardoso – **Arredores de Aveiro** –; o sr. Antonio dos Santos uma moldura de prata cinzelada, e o sr. Antonio Joaquim Baptista

---

<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1902, p. 1.

uns botões também de prata cinzelada”.<sup>49</sup> E, no dia 26, “venderam-se mais uma riquíssima almofada e um dos bons quadros da Exposição”.<sup>50</sup>

Guilherme da Rosa deixou o Rio de Janeiro no dia 13 de agosto.<sup>51</sup> Chegado de volta em Lisboa, concedeu uma entrevista ao jornal **O Dia** na qual rememorou o sucesso de vendas da “Exposição de Arte Portuguesa” e acrescentou algumas informações que não apareceram na imprensa carioca. “Parti de Lisboa como 86 quadros, no valor de 11 contos, e volto trazendo 6 contos de réis, de 51 quadros vendidos”,<sup>52</sup> Rosa então disse, sintetizando o balanço da seção de pintura. O português afirmou ainda que “da arte aplicada vendi todos os ouros cinzelados por Carvalho e alguns trabalhos de Cristofanetti”,<sup>53</sup> afirmou, igualmente, a venda de todas as peças de Raphael Bordallo e de todos os quadros de Malhoa:

[...] vendi para às Belas Artes os quadros: **Corar da roupa, A sesta, e Gozando os rendimentos** [...] vendi também **As cebolas, o Sendeiro e O barbeiro na aldeia**. Este último comprou o nosso compatriota visconde de Villela, que é um grande auxiliador de todas as iniciativas artísticas que trazam a chancela portuguesa...<sup>54</sup>

Por fim, a respeito dos quadros de Columbano, Rosa afirmou: “De Columbano ficaram nas Belas Artes os seguintes quadros: **A locandeira, A luva branca, Cabeça de mulher, O soldado. A Madona**, comprei-o eu”.<sup>55</sup>

Em suma, poder-se-ia destacar com relação às vendas na “Exposição de Artes Portuguesa” dois fatores principais: (1) o mecenato promovido pela colônia portuguesa no Brasil; (2) o conjunto de aquisições feito pela ENBA. Poucos dias após a

<sup>49</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa no edifício do liceu de artes e ofícios. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, p. 1. Essas compras também foram relatadas pela Gazeta de Notícias; ver ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, p. 1.

<sup>50</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1902, p. 3.

<sup>51</sup> **GAZETA DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1902, p. 1.

<sup>52</sup> A EXPOSIÇÃO d’arte portuguesa no Brasil. **O Dia**, Lisboa, 20 set. 1902, p. 2.

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> A EXPOSIÇÃO d’arte portuguesa no Brasil. **O Dia**, Lisboa, 20 set. 1902, p. 2. Em seu livro de “Receita-Despesa”, Malhoa deixou um apontamento manuscrito referente às vendas de seus quadros na exposição de 1902. “Recebi do Guilherme Rosa, da venda dos meus seguintes quadros na exposição organizada pelo mesmo no Rio de Janeiro: “o pilha-galinhas”, “a corar a roupa” (estudo) “Gozando os rendimentos”, “as cebolas”, “à sesta”, “o barbeiro na aldeia” (estudo) - 1:154\$000”. Cf.: LBG. **1902 – O senhor Rosa chegou do Brasil! ... e fartou-se de vender quadros...** 26 ago. 2009. Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

<sup>55</sup> A EXPOSIÇÃO d’arte portuguesa no Brasil. **O Dia**, Lisboa, 20 set. 1902, p. 2.

inauguração, esses fatores eram já evidentes, como testemunha um comentário no **Jornal do Brasil**:

É mesmo de notar a bizarra gentileza com que alguns homens de fortuna da colônia portuguesa têm concorrido para o sucesso da Exposição, como, por exemplo, os Srs. Visconde de Villaça e comendador Costa Peres, cujas aquisições montam a alguns contos de reis e é de justiça insistir no ato do governo federal, adquirindo para a Escola Nacional de Belas Artes algumas das obras primas expostas.<sup>56</sup>

Em termos relativos, a mostra de 1902 teria conhecido, portanto, uma recepção mais positiva por parte da colônia lusitana no Brasil do que aquela reservada à “Exposição Portuguesa” de 1879. Já as aquisições feitas pela ENBA pareciam ter uma significação dupla: Por um lado, como procurei demonstrar em outro trabalho,<sup>57</sup> a constituição de uma coleção de arte portuguesa contemporânea reiterava as orientações pedagógicas implantadas na Escola após a proclamação da República brasileira, em 1889, bem como as concepções de arte moderna que ela buscava então promover, especialmente aquelas vinculadas à estética do *Naturalismo*. Por outro lado, essa coleção constituía uma espécie de “vitrine” no seio da principal instituição de ensino artístico brasileiro que, potencialmente, contribuía para a consolidação do mercado consumidor de arte portuguesa no Brasil.

Uma série de documentos nos permite precisar como foram levadas a cabo as aquisições feitas pela ENBA. Um informe assinado por Rodolpho Bernardelli e reproduzido no relatório de 1902 do Ministro da Justiça e Negócios Interiores informa que a verba para as aquisições foi decorrente de uma “[...] autorização legislativa que ao Ministério da Fazenda concedia, por encontro de contas com o Banco da República, uma verba destinada à compra de obras d’arte para a Escola Nacional de Belas Artes”.<sup>58</sup> O então Ministro da Fazenda, Dr. Joaquim Murтинho, nomeou uma comissão composta pelo então diretor da Escola, Rodolpho Bernardelli, por Rodolpho Amoêdo e pelo jornalista e crítico de arte Carlos Américo dos Santos para dar parecer sobre as obras

<sup>56</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1902, p. 1.

<sup>57</sup> VALLE, Arthur. O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós- Reforma de 1890. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 19, p. 117-139, 2013.

<sup>58</sup> **RELATORIO APRESENTADO ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. J. J. Seabra Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores em abril de 1903**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1903, p. 225.

que fossem propostas ao Governo para aquisição. Foi exatamente essa comissão que escolheu as pinturas que foram adquiridas na “Exposição de Arte Portuguesa”.

No relatório de 1902, eram ainda enumerados 11 quadros que teriam sido então adquiridos: 4 de Columbano Bordallo (**A Luva Branca, A Locandeira, Madona e Soldado**); 1 de Velloso Salgado (**Azinhaga em Benfca**); 1 de Ernesto Condeixa (**Um Homem do Mar**); 1 de Carlos Reis (**Os Amores do Moleiro**); 1 de Manoel Henrique Pinto (**A Saída do Rebanho**); e 3 de José Malhoa (**A Sesta, A Corar a Roupa e Gozando os Rendimentos**). Outros documentos da ENBA<sup>59</sup> corroboram a aquisição da maioria dessas obras, que hoje pertencem à Coleção de Pintura Estrangeira do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, detentor da parte mais importante do antigo acervo da Escola. A única exceção é a **Madona** de Columbano, que Guilherme da Rosa declarou ter ele próprio comprado. É de se notar, também, que foi a Escola que, no final, ficou com **A saída do Rebanho** de Henrique Pinto, não o “Sr. H. Chaves”, que primeiramente teria adquirido o quadro, como indicado na **Gazeta de Notícias** de 18 de julho. Se não houve um erro desse jornal, é possível que, à época, tenham ocorridos renegociações entre os compradores de obras na exposição de 1902.

## RELAÇÕES COM A SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES DE LISBOA

A “Exposição de Arte Portuguesa” contou, assim, com um apoio explícito da ENBA, através de um significativo conjunto de aquisições intermediado por agentes centrais no campo artístico carioca de inícios de Novecentos, como Rodolpho Bernardelli. Mas, a análise das críticas de arte e das obras expostas no Rio em 1902 leva a crer que a mostra tinha também o apoio de outra importante instituição artística, dessa feita portuguesa: a Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa (SNBA). A **Revista da Semana** foi a primeira a reportar a suposta ligação entre Guilherme da Rosa e a SNBA ainda antes da inauguração, em artigo afirmando, inclusive, que a mostra no Rio fazia parte de um

[...] projeto da Sociedade Nacional de Belas artes de Lisboa [que] consiste em abrir um mercado à Arte portuguesa no Brasil, e simultaneamente, um mercado à Arte brasileira em Portugal.

---

<sup>59</sup> ACERVO ARQUIVÍSTICO do Museu Dom João VI EBA/UFRJ. Notação 5107, p. 2; ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES - CATÁLOGO GERAL DAS GALERIAS DE PINTURA E DE ESCULPTURA. Rio de Janeiro: Emp. Ind. Editora “O Norte”, 1923.



Alternadamente, os artistas portugueses exporão no Brasil e os brasileiros em Portugal.<sup>60</sup>

Essa mesma ideia da exposição como um “projeto” da Sociedade foi repetida no **Jornal do Brasil**<sup>61</sup> e no **Anuário Fluminense** de 1903,<sup>62</sup> e outros periódicos fizeram referência a Rosa como representante da Sociedade.

Alguns meses após a realização da exposição no Rio, Guilherme da Rosa fez publicar, no **Diário de Notícias** de Lisboa de 26 de novembro, um documento, que segundo ele, “[...] liquida[va] as responsabilidades que contraí com a Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, por ocasião da minha recente viagem ao Brasil”.<sup>63</sup> Tratava-se de uma carta assinada por João Ribeiro Christino da Silva, na qual este designava a si próprio como “presidente da comissão organizadora da exposição de arte Portuguesa no Rio de Janeiro, levada aí a cabo pelo Exm. Sr. Guilherme da Rosa”, e fazia referência a uma “escritura pública realizada em Lisboa à 25 de maio do corrente ano [1902]”.<sup>64</sup> Essas notícia levanta questões que demandam o aprofundamento das investigações, mas, por si só, parece confirmar que, em 1902, Guilherme da Rosa realmente representava, de maneira formal, artistas portugueses vinculados a SNBA.

Para a presente discussão é também relevante constatar o quanto o conjunto das obras expostas no Rio possuía pontos de interseção com a política expositiva da SNBA. Não só a grande maioria dos artistas portugueses cujas obras estavam presentes na mostra no Rio era sócia da SNBA, como parte das próprias obras expostas havia figurado em exposições promovidas pela Sociedade em 1901 e, especialmente em, 1902. Inclusive, em abril desse último ano, no final da sua série de resenhas sobre o certame da SNBA, Ribeiro Arthur já se referia explicitamente à mostra no Brasil, que se realizaria poucas semanas depois: “Uma exposição de belas artes no Brasil chama o concurso dos artistas portugueses e para lá vão partir a maior parte das obras que nosso público teve oportunidade de apreciar”.<sup>65</sup>

---

<sup>60</sup> BONHOMME, Jacques. Crônica. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 13 jul. 1902, p. 1.

<sup>61</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1902, p. 1.

<sup>62</sup> EXPOSIÇÃO DE arte portuguesa. **Anuário Fluminense**. Rio de Janeiro, 1903, p. 80.

<sup>63</sup> A EXPOSIÇÃO d’arte portuguesa no Rio de Janeiro. **Diário de Notícias**, Lisboa, 26 nov. 1902, p. 2.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> ARTHUR, Ribeiro. A segunda exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes III. **O Tempo**, Lisboa, 4 jun., 1902, p. 1.

Vale lembrar que a Sociedade Nacional de Belas Artes, oficialmente criada em 1901, em grande medida deu continuidade a outras associações de artistas portugueses, em especial o *Grémio Artístico*, fundado em 1890, de quem a Sociedade adotou os termos estatutários, a atribuição de deveres e a própria organização interna. A SNBA também cumpria a mesma vocação, “não alterando o Artigo 1 do I Cap. dos Estatutos do Grémio, reafirmando promover a cultura das artes plásticas em todas as suas manifestações e defender os interesses da arte nacional”.<sup>66</sup> Nesse sentido, um dos aspectos mais importantes da atuação da SNBA se vinculava justamente à realização de exposições anuais, que, *grosso modo*, deram continuidade aos “salões” do Grémio. Uma análise do histórico das obras adquiridas pela ENBA do Rio fornece uma boa oportunidade para comprovar a proximidade entre as políticas expositivas dessas duas instituições.

Começamos pelas obras de José Malhoa. **Gozando os Rendimentos**, um quadro de temática urbana, rara na produção do artista e que retrata um “[...] forte burguês que repousa num banco de jardim, provavelmente o de S. Pedro de Alcantara”,<sup>67</sup> havia sido exibido, sob o n. 94, na exposição comemorativa do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, organizada pelo Grémio Artístico em 1898.<sup>68</sup> Já **A Sesta** indubitavelmente é a obra exibida sob o n. 63 na exposição organizada pela SNBA em 1902,<sup>69</sup> como comprova um desenho reproduzindo o quadro, publicado no jornal lisboeta **O Século**.<sup>70</sup> Apenas a respeito de **A corar a roupa**, não encontramos referências inequívocas em exposições lisboetas anteriores. Todavia, essa tela bem poderia ser o **Estudo** exposto sob o n. 77 na mostra

---

<sup>66</sup> TAVARES, Cristina Azevedo. **A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte**. Vila Franca de Xira: Ed. Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira, Fundação Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006, p. 30.

<sup>67</sup> SILVA, Raquel Henriques da. Invocação do Grupo do Leão e do naturalismo português. In: SILVA, Raquel Henriques da; et al. **O Grupo do Leão e o Naturalismo português**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996, p.58 Catálogo de exposição.

<sup>68</sup> GREMIO ARTISTICO. **Exposição extraordinária comemorativa do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia**. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora, 1898, p. 23. Catálogo ilustrado.

<sup>69</sup> SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS-ARTES – **Segunda Exposição**. Lisboa: Typ. Da Empreza da História de Portugal, 1902, p. 26.

<sup>70</sup> SOCIEDADE NACIONAL de Bellas Artes. **O Seculo**, Lisboa, 20 abr, 1902, p. 1.

da SNBA de 1901.<sup>71</sup> Henrique de Vasconcellos resenhou esse **Estudo** à época, juntamente com outro quadro, **Cebolas**, que Malhoa também enviou para o Rio:

[...] em paisagem e composição é ainda Malhoa o triunfador, pelos dois lindos quadros que expõe, cheios de sol, duma tonalidade quente, como não estamos acostumados a ver, paisagens que sentimos portuguesas, luminosas, os céus nítidos e árvores viçosas: **Cebolas** (75) e **Estudo** (77). As figuras são sadias, são verdadeiras camponesas, trigueiras e fortes. Há, talvez, no **Estudo** um excesso de branco, as roupas a secar.<sup>72</sup>

A descrição de Vasconcellos se adéqua muito bem, portanto, à obra adquirida pela ENBA; além disso, sabemos que Malhoa realmente considerava o quadro aqui em questão um estudo para uma versão maior de **A corar a roupa**, hoje perdida, que foi exibida na *Exposition Universelle* de Paris, em 1900.<sup>73</sup>

Dois dos três quadros de Columbano que sabemos terem sido efetivamente adquiridos pela ENBA – **A Luva Branca**, **A Locandeira** e **Soldado** - também figuraram em mostras lisboetas anteriores. A versão d'**A Luva Branca** que ficou no Rio seria a mesma exposta na mostra do Grémio de 1897, sob o n. 32. Já **A Locandeira** participou da mostra da SNBA de 1902, sob o n. 17, onde compôs, com outros dois quadros de pequeno formato centrados em figuras femininas, um conjunto que foi muito elogiado por críticos como Henrique de Vasconcellos: “Os seus pequenos quadros de gênero, a mulher da máscara, a mulher das frutas e a mulher do copo [**A Locandeira**], são pequenas obras primas delicadas e suaves, estudos magníficos de epidermes, fazendo a figura nascer da sombra sem contornos precisos”.<sup>74</sup> Somente a respeito do terceiro quadro de Columbano, **Soldado**, é mais difícil fazer afirmações, pois ainda não foram encontrados documentos que permitam identificar, de maneira inequívoca, que obra com esse título foi efetivamente adquirida pela ENBA em 1902.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Primeira Exposição**. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora, 1901, p. 24.

<sup>72</sup> VASCONCELLOS, Henrique de. Exposição de Belas-Artes. **Brasil-Portugal**, Lisboa, n. 58, 16 jun. 1902, p. 155.

<sup>73</sup> A versão de **A corar a roupa** exposta em Paris se perdeu no naufrágio do navio a vapor *Saint-André*, quando retornava para Lisboa, junto com uma série de importantes obras de artistas portugueses.

<sup>74</sup> VASCONCELLOS, Henrique de. Exposição d'Arte. **Brasil-Portugal**, Lisboa, n.79, 1 mai. 1902, p. 484. Os dois quadros referidos por Vasconcellos se intitulavam **A máscara** e **Frutas d'outono**, respectivamente n.18 e n.16 no catálogo.

<sup>75</sup> A única obra hoje pertencente ao MNBA compatível mostra um personagem vestido como trajes do século XVII que é usualmente identificado como um retrato de João Barreira, médico e historiador da arte que era amigo de Columbano. Com efeito, um dos principais biógrafos de Columbano, Diego de Macedo, se refere a um quadro intitulado “**O Soldado**, cujo modelo fora João Barreira,” pintado em

Além das obras de Malhoa e Columbano, dois outros quadros comprados pela Escola teriam figurado anteriormente em exposições da SNBA. O primeiro é **A Saída do Rebanho**, de Manoel Henrique Pinto, que participou da mostra de 1902, sob o n. 105.<sup>76</sup> O segundo é a tela de Ernesto Condeixa intitulada **Um homem do mar**, que provavelmente é a obra homônima que figurou na exposição de 1902, sob o n. 23.<sup>77</sup> Esse quadro, retratando uma “vigorosa figura, belo tipo de velho marinheiro”,<sup>78</sup> mereceu destaque em uma resenha de Ribeiro Arthur e possuía exatamente as mesmas dimensões (73 x 53 cm) da tela que foi incorporada pela ENBA em 1902. Apenas com relação à **Azinhaga em Benfica** de Velloso Salgado e **Os amores do moleiro** de Carlos Reis não foi possível, até o momento, rastrear qualquer participação em mostras organizadas pelas agremiações artísticas lisboetas citadas.

À guisa de conclusão, creio ser possível afirmar que a os dados aqui sintetizados apontam para a complexidade da rede de intercâmbios que foi tecida entre agentes portugueses e brasileiros na “Exposição de Arte Portuguesa” de 1902. Sabemos, além disso, que o sucesso comercial dessa mostra repercutiu diretamente em Portugal, sendo noticiado em importantes periódicos de Lisboa como **O Dia**, **O Século**, **O Ocidente**, entre outros. Se considerarmos todos esses fatores, não parece acaso que, a partir de 1902, importantes exposições de arte portuguesa tenham sido regularmente promovidas no Rio de Janeiro. Sem pretender ser exaustivo, eu poderia lembrar aqui das mostras de: Teixeira Lopes, em 1905; José Malhoa, em 1906; José Julio de Souza Pinto, em 1912; Correia Dias e Antonio Carneiro, ambas em 1914; Alfredo Roque Gameiro e sua filha, Helena, em 1920; Carlos Reis e seu filho, João, também em 1920, entre diversas outras. Esse conjunto de exposições sublinha a vitalidade dos intercâmbios estabelecidos entre Portugal e Brasil nas primeiras décadas do século XX. Ao que tudo indica, a “Exposição de Arte Portuguesa” organizada por Guilherme da Rosa em 1902 foi um dos mais importantes catalisadores dessa tendência.

#### **ARTIGO RECEBIDO EM 22/07/14. PARECER DADO EM 29/10/14**

---

1899. Cf.: MACEDO, Diogo de. **Columbano**. Lisboa: Artis, 1952, p. 86. Até onde apurar, esse quadro não teria sido exposto em mostras do Grémio ou da SNBA.

<sup>76</sup> SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Primeira Exposição**. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora, 1901, p. 26.

<sup>77</sup> SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Segunda Exposição**. Lisboa: Typ. da Empreza da História de Portugal, 1902, p.23.

<sup>78</sup> ARTHUR, Ribeiro. A segunda exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes II. **O Tempo**, Lisboa, 24 mai, 1902, p. 1.